

A ESCRITA E O DESVELAMENTO DA REALIDADE VIVIDA NOS PRESÍDIOS BRASILEIROS: UMA LEITURA AMOROSA DO LIVRO ALÉM DAS GRADES, DE SAMUEL LOURENÇO FILHO

■ SOCORRO CALHÁU

<https://orcid.org/0000-0002-9652-2916>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

■ ANGELICA RAIMUNDO NOGUEIRA

<https://orcid.org/0000-0001-8114-5970>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RESUMO

Este artigo objetiva compreender como o Estado trata a pessoa privada de liberdade, sob o ponto de vista de um escritor, que viveu no cárcere por nove anos. Um mergulho na sua escrita ácida, sensível e reveladora, sobre o tempo em que esteve preso. Fez-se uma leitura crítica de *Além das grades*, crônicas de Samuel Lourenço Filho, que possui um forte traço autobiográfico. Ao longo do trabalho, foi impossível não relacionar as unidades pelas quais o escritor passou com as condições vividas pelos africanos escravizados no Brasil. Foram criados dois recortes para reflexão: identificar como o Estado trata o apenado e como o autor lidou com seus sentimentos ao longo do cumprimento da sua pena, tendo a escrita como um instrumento de sobrevivência, num sistema extremamente racista, injusto e perverso. Os interlocutores desta pesquisa foram bell hooks, pelo viés transgressor; Angela Davis e a obsolescência das prisões; Conceição Evaristo, pela escrevivência; Paulo Freire, pelo esperar; Escravidão I e II, de Laurentino Gomes; Michel Foucault, Giles Deleuze; dentre outros. O sistema prisional brasileiro é racista, cruel e ineficiente, no que deveria ser o seu trabalho principal: preservar a integridade física e emocional desses sujeitos e promover a (re) integração social.

Palavras-chave: Escrita autobiográfica. Privação de liberdade. Sobrevivência.

ABSTRACT **THE WRITING AND THE UNVEILING OF REALITY LIVED IN BRAZILIAN PRISONS: A LOVING READING BEYOND THE GRADES BY SAMUEL LOURENÇO FILHO**

This article aims to understand how the State treats the person deprived of liberty, from the point of view of a writer, who lived the deprivation of liberty for nine years. A dive into his acidic, sensitive and revealing writing about the time he was in prison. There was a critical reading of *Além das Grades*, chronicles by Samuel Lourenço Filho; which has a strong autobiographical trait. Throughout the work it was impossible not to relate the units through which the writer passed with the conditions lived by enslaved Africans in Brazil. Two clippings were created for reflection: to identify how the State treats the convict and how the author dealt with his feelings, while serving his sentence, having writing as an instrument of survival in an extremely racist, unfair and perverse system. The interlocutors of this research were bell hooks, due to his transgressive bias; Angela Davis and the obsolescence of prisons; Conceição Evaristo, for her writing; Paulo Freire, for hoping; *Slavery I and II*, by Laurentino Gomes; Michel Foucault; among others. The Brazilian prison system is racist, cruel and inefficient, in what should be its main job: to preserve the physical and emotional integrity of these subjects and promote their social (re)integration.

Keywords: Autobiographical writing, deprivation of liberty and survival.

RESUMEN **LA ESCRITURA Y EL DESVELAMIENTO DE LA REALIDAD VIVIDA EN LAS CÁRCELES BRASILEÑAS: UNA LECTURA AMOROSA DEL LIBRO ALÉM DAS GRADES, DE SAMUEL LOURENÇO FILHO**

Este artículo tiene como objetivo comprender cómo el Estado trata a la persona privada de libertad, desde el punto de vista de un escritor, que vivió nueve años en la cárcel. Una inmersión en su escritura ácida, sensible y reveladora sobre la época en que estuvo preso. Fue hecha una lectura crítica de *Além das Grades*, crónicas de Samuel Lawrence Filho; que presenta un fuerte rasgo autobiográfico. A lo largo del trabajo fue imposible no relacionar las unidades prisionales por las que pasó el escritor con las condiciones experimentadas por los africanos esclavizados en Brasil. Se crearon dos recortes para la reflexión: identificar cómo el Estado trata al condenado y cómo el autor se ocupó de sus sentimientos, durante el cumplimiento de su

sentencia, teniendo la escritura como instrumento de supervivencia, en un sistema extremadamente racista, injusto y perverso. Los interlocutores de esta investigación fueron bell hooks, por el sesgo transgresor; Angela Davis y la obsolescencia de las prisiones; Conceição Evaristo, por la “Escrivivência”; Paulo Freire, por esperarar; Escravidão I y II, de Laurentino Gomes; Michel Foucault, Giles Deleuze; entre otros. El sistema penitenciário brasileño es racista, cruel e ineficiente en lo que debería ser su trabajo principal: preservar la integridad física y emocional de estos sujetos y promover la (re) integración social.

Palabras clave: Escritura autobiográfica. Privación de libertad. Supervivencia.

E, que um dia, não muito distante, não haja mais nenhum presídio no mundo

Há mais de 30 anos, Angela Davis convoca o mundo inteiro a refletir sobre a existência das prisões. Seu país, os Estados Unidos (EUA), lideram como sendo o que mais encarcera no mundo.¹ Já naquela época, tratava-se de uma discussão urgente a ser realizada, as prisões já eram obsoletas; se é que em alguma época foram convenientes ou adequadas. Essa obsolescência, segundo a autora, leva os ativistas antiprisionais a se perguntarem como tantas pessoas foram parar nas prisões sem mesmo ter havido uma ampla discussão sobre a eficácia do estar preso (DAVIS, 2003). No *ranking* do aprisionamento em massa, segundo órgãos oficiais, o Brasil figura em terceiro lugar, com 820.689 presos.²

Ninguém desconhece a forma como o Estado brasileiro trata as pessoas que se encontram em situação de restrição e privação de liberdade. Ainda assim, a percepção que se tem

de fora é sempre uma versão dessa realidade que, dependendo de quem fala, se apresenta dentro de um gradiente de possibilidades de existirem. Há que se reconhecer que inúmeras são as versões da realidade que acontece dentro dos presídios; a maior parte delas foram produzidas fora dele, por pessoas que jamais pisaram nesse chão. E, por mais que as teses abolicionistas ganhem espaço nas discussões, ainda se depara com reflexões como as de Ribeiro (2011) que garante que a prisão se impõe sem alternativas e, ao mesmo tempo, assume um caráter de tal evidência, que parece ser impossível pensar a vida social sem ela. Há muito tempo, Foucault (1996) alertava: “conhecem-se todos os inconvenientes da prisão e sabe-se que ela é perigosa, quando não, inútil; entretanto, não vemos o que pôr em seu lugar” (FOUCAULT, 1996, p. 208). E, assim, de acordo com Ribeiro (2011), a prisão funciona como

[...] o momento de classificar os indivíduos de modo a extrair-lhes o máximo de tempo e força a través de um treinamento exaustivo de seus corpos, tendo o seu comportamento continuamente codificado, formando em torno deles um aparato de observação e registro possibi-

1 Os EUA têm a maior população carcerária do mundo, tanto em população total (mais de 2 milhões) quanto em taxa de presos por grupo de 100 mil habitantes (629 presos a cada 100 mil), dados do Centro Internacional de Estudos Penitenciários de 2021.

2 Dados fornecidos pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen), em 2021.

litando a constituição de um saber cumulativo e centralizador sobre eles. (RIBEIRO, 2011, p. 37)

A autora chama a atenção para o fato de que as prisões fazem um trabalho preciso sobre o corpo³ do apenado, o que Foucault (1987) sintetizou como sendo uma aparelhagem para tornar os indivíduos “dóceis e úteis”.

Este artigo trata de identificar como se dá o dia a dia de algumas unidades penais, do estado do Rio de Janeiro, a partir da escrita do livro de crônicas, *Além das grades*, de Samuel Lourenço Filho, um escritor que cumpriu pena de nove anos, entre os regimes fechado, semiaberto, prisão domiciliar (com uso de tornozeleira), aberto, livramento condicional e, por fim, após a pena ter sido totalmente cumprida: a liberdade. As crônicas de Lourenço Filho (2018) trazem aportes de uma escrita autobiográfica. Apesar disso, há que se ter uma percepção, ainda que bastante sutil, de que a escrita de Lourenço Filho (2018) possa ter algo de literatura de testemunho, uma vez que ela, como foi descrito por Maciel (2016, p. 75) “é uma possibilidade de apresentar relatos com um peso traumático e inenarrável, levantando questões e dando voz às narrativas de minorias, de sobreviventes de holocaustos e de outras formas de genocídio, repressão e violação dos direitos humanos”.

Lourenço Filho (2018) se utiliza da escrita de forma a registrar sua passagem e revelar seus sentimentos, angústias e, também, conquistas, em relação à sua experiência no cárcere. Bezerra (1999) já sinalizou, há tempos, que independentemente de qualquer intenção, escrever pressupõe uma decisão de registrar, revelar seu pensamento, arriscar seu ponto de vista, seu sentimento, de modo que ele

3 Os estudiosos do fenômeno “corpo” lançam sobre ele vários olhares, assim como conceitos diversos. Inicialmente, o corpo foi apresentado e estudado como corpo biológico e, posteriormente, também vivido como corpo cultural. Assim, o “corpo” vai sendo fabricado e educado para a vida em sociedade (FURLAN e PERI, 2011, p. 2390).

possa se tornar visível e até público, criar condições para que a palavra ganhe permanência (BEZERRA, 1999, p. 7); e Samuel Lourenço Filho assim o fez. Trata-se de crônicas com um forte viés autobiográfico, um tanto de diário; e muitas revelações assustadoras sobre a realidade do cárcere.

A escrita autobiográfica apresenta-se como sendo um tipo de lugar onde o sujeito se desvela, para si, e se revela para os outros, através de uma narrativa autorreferenciada carregada de significados (ABRAHÃO, 2014). Trata-se de um relato que surge da necessidade de falar de si e, principalmente, como possibilidade de explicitar o desconhecido, o não visto, o contrapelo, o entreato.

Conceição Evaristo trouxe para o debate o conceito de *escrevivência*, ou seja, a escrita como um jogo de palavras, que transita entre o escrever, o viver, o escrever-se vendo e escrever vendo-se, segundo suas próprias palavras. Um conceito que, segundo a autora, aplica-se preferencialmente às mulheres negras, mas que pode se estender a outras escritas igualmente fundadas na sobrevivência, na resignificação de uma vivência, que precisa ser desvelada, denunciada, posta a nu. Trata-se de uma forma de dar vida às palavras a partir de uma vivência possível, mas improvável, quando se é tocado por elas. Duarte e Nunes (2020) trazem Conceição Evaristo nessa instigante afirmação sobre a *escrevivência*:

[...] diante das histórias que incomodam, a *escrevivência* quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível. (DUARTE e NUNES, 2020, p. 43).

Não é raro encontrar no contexto da privação de liberdade alguns sujeitos que se tornaram escritores, *escrevíveis*, sobreviventes; produzindo textos, livros, contendo narrativas fortes, denunciadoras de toda a barbárie que

acontece nesses espaços. Um exemplo foi Luiz Alberto Mendes Junior,⁴ que publicou vários livros pela Companhia das Letras. É dele essa belíssima reflexão sobre o ato de escrever:

Quando inicio a escrever, as palavras ficam muitas e eu aqui só um para escolher. Aquelas que realmente careço resistem como um braço de força. Então dou uma de louco e tento seduzi-las com pensamentos doces; elas ainda não me deixam enlaçá-las, mesmo que tontas de carícias. E fogem assustadas com medo que eu as possua na marra. Sentem-se ameaçadas, mas sou teimoso e insisto. Tento em vão mais uma vez persuadir; acabo desistindo sempre e, é então, que começo a escrever. (MENDES JUNIOR, 2013, p. 67).

É intenção deste trabalho usar dois recortes na leitura do texto de Samuel Lourenço Filho, o primeiro, identificar como o Estado trata o apenado no dia a dia dos internos. O segundo, a partir do tratamento do Estado, descrever como o autor lidou com seus sentimentos, ao longo do cumprimento da sua pena, tendo a escrita como um instrumento de sobrevivência ao caos e de denúncia de um sistema extremamente injusto e perverso.

Resende (2011) faz um alerta sobre o fato de que as histórias de vida dos apenados parecem sofrer um corte incisivo na trajetória de cada um a partir do seu ingresso na prisão. Segundo o autor, é como se a prisão roubasse o passado de cada um, negasse seus futuros e os vinculassem num tempo presente, contínuo, paralisado ali, no cárcere; como se o apenado fosse definido apenas pelo seu crime. Diz ele: “é como se a vida começasse com a prática do crime, com o aprisionamento, processando-se assim, um apagamento daquilo que não esteja diretamen-

te ligado à condição de ter sido condenado e preso pela justiça” (RESENDE, 2011, p. 51).

A escrita de Samuel Lourenço Filho é de alguma forma atravessada pelas experiências que ele vive em suas atividades extramuros. Percebe-se que suas vivências na universidade, no trabalho e até mesmo no convívio familiar, impulsionam a sua escrita, complementam suas metas, e tornam-se suas parceiras de cárcere, juntamente com os outros internos.

O pão que o diabo esqueceu de amassar⁵

Um dia apoderou-se de mim uma vontade de escrever: escrevi. (Carolina Maria de Jesus)⁶

Com Deleuze (2002), aprendeu-se que os afetos tristes são todos aqueles que diminuem a potência de agir e que os tiranos precisam de homens tristes para convertê-los em escravos. Dessa forma, segundo o autor “vão operando na lógica da antiprodução e não da produção, no bloqueio e captura, e não na criação e transformação” (DELEUZE, 2002, p. 103). É nessa lógica perversa da produção de corpos tristes que Lourenço Filho (2018) nos coloca na realidade da prisão, sem rodeios, quando nos fornece a primeira informação sobre esse lugar:

[...] uma grande estrutura de concreto põe limite ao horizonte. Dificilmente o preso consegue ver algo além dos altos muros da prisão. Ali, é tudo cinza. Enxergar além dos muros é um ato de esperança, de fé, de otimismo. Mas é algo muito improvável, aquela cor cinza do muro, tira toda cor da sua vida. (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 189).

Ser retirado do convívio social deveria ser, por si só, uma punição demasiadamente grande, mas o Estado não para por aí; os altos

4 No Carandiru, Luiz Alberto Mendes Junior conheceu o médico Dráuzio Varella, que intercedeu o contato junto à Companhia das Letras, para a publicação de seu primeiro livro. Nesse processo, também teve o apoio do escritor Fernando Bonassi, um dos roteiristas de *Carandiru*. Por 19 anos, Mendes assinou uma coluna mensal na revista *Trip*, de 2001, após o lançamento de seu primeiro livro, até 2020.

5 Fazendo alusão a uma das crônicas do livro *Além das grades*, de Samuel Lourenço Filho, para designar a forma como os internos são tratados pelo Estado, dentro de uma Unidade Prisional.

6 Fragmento retirado da exposição “Um Brasil para brasileiros”, realizada no, no Instituto Moreira Sales.

muros, a cor cinza, a comida intragável, a desumanização do sujeito, dentre tantas outras malvadezas⁷ conferem ao espaço de privação de liberdade, um quê de masmorra, de senzala. As pessoas que são privadas de liberdade também passam por humilhações, constrangimentos, maus-tratos, dentre várias outras situações, que vão minando sua autoestima e humanidade. Não é por acaso que o percentual de reincidência é tão alto. Becker (2008) formatou o conceito de *outsiders* para explicar um pouco um certo tipo de comportamento de alguém que viola uma regra imposta. Segundo ele, “a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera ser de acordo com as regras estipuladas pelo grupo” (BECKER, 2008). Essa pessoa é encarada como um *outsider*. Assim pensando, poder-se-ia inferir que o Estado seja, ele próprio, um *outsider*, por descumprir regras, negar direitos básicos fundamentais, por possuir um sistema prisional obsoleto, cruel, é descumpridor da Lei de Execução Penal (LEP) (LOURENÇO FILHO e CALHÁU, 2015, p. 4).⁸

O início do dia, na prisão, segundo os relatos de Lourenço Filho (2018), é tenso, como uma amostra grátis do que a instituição prepara para o interno a cada dia que lá se vive. A contagem se dá num clima de tensão e, muitas vezes, de desrespeito. Segundo o autor, sob um grito ensurdecido “vai conferir a cadeia!”, o dia na prisão se inicia para alguns e ouve-se o barulho ensurdecido de barras de ferro batendo nas grades; e na sequência:

Todos enfileirados, lado a lado, mãos para trás e cabeça baixa. Há lugares que estar vestido de

calça é exigência, já a camisa é obrigatória em todas as unidades. Na ponta da cela está o ‘polícia’, o ‘Guarda’, o ‘Agente’, o ‘Inspetor’ ou até mesmo o ‘mandado do dia’, como alguns alcu-nharão (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 39).

Lourenço Filho (2018) relata o dia a dia do cárcere, deixando às claras para os seus leitores a forma como o Estado trata o apenado que se encontra sob a sua custódia. Assim, ao longo da leitura, torna-se impossível não identificar uma conduta violenta e descumpridora de direitos. É igualmente impactante observar, através dos relatos do escritor, o quanto aqueles sujeitos criam redes de apoio, se protegem, torcem uns pelos outros, ao contrário do que o Estado incutiu no imaginário da sociedade, que esses sujeitos são perigosos e se constituem como ameaça uns para os outros.⁹ Sobre essas parcerias que se instauram, Lourenço Filho (2018) relata que em todas as sextas-feiras aconteceram transferências e que elas são provocadas pela progressão de regime, mas ainda assim mobilizam os afetos conquistados e, se por um lado traz a tristeza da separação, por outro, a alegria da progressão da pena também se manifesta ao saber que a liberdade desse amigo está cada vez mais próxima: “é o fim de uma rara convivência que permitia um cumprimento de pena mais suavizado. A tranca é *trash*, e ter um mano para tirar cadeia comigo é bom pra caramba.” (LOURENÇO FILHO, 2015, p. 89). Ainda sobre o bem querer e a empatia que se instauram nas prisões entre os apenados, o autor chama a atenção para o fato da escrita de cartas se constituir como um instrumento que pode amenizar o sofrimento dos que escrevem e o dos que não sabem ler nem escrever. São mãos escritoras que se emprestam ao outro, como no fragmento que se segue:

7 Quando da sua prisão, na época da Ditadura Militar, Paulo Freire disse em várias ocasiões – entrevistas, palestras, aulas – que o Estado punitivo tem por hábito praticar uma “malvadez desnecessária”.

8 LOURENÇO FILHO, Samuel e CALHÁU, Socorro. A Educação Escolar e a Escola do Crime: a formação de um sujeito “indesejável” no espaço prisional, Anais do II CONEDU, 2015

9 Não se trata de ignorar que existe rivalidades dentro das unidades prisionais: de facções, de crenças religiosas, dentre outras. O que está sendo discutido aqui supera esse tipo de discussão; trata-se da sobrevivência emocional da humanidade de cada um.

tem na cela, na calada da noite, o escritor, aquele que escreve dezenas de cartas. Algumas são de destinatários particulares, já outras, bem, as outras não são dele, nesse caso, falo dos amiguinhos que passam a madrugada escrevendo cartas para os outros amiguinhos que não sabem escrever (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 75-76).

O autor relata ainda que são cartas de amor, de confissões, de dores, de saudades dos filhos, de galanteio com outras presas em unidades femininas; cartas de pedidos, que se destinam a igrejas, livrarias e demandas judiciais; “há solidariedade entre presos. Há ajuda entre nós! Um fortalece o outro” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 14).

Sabe-se desde sempre o quanto as prisões brasileiras se assemelham às senzalas e aos navios que transportavam os africanos para serem escravizados, tanto no modo de funcionar e abrigar, quanto na forma física dessas construções, nas condições sub-humanas de higiene. Assemelha-se também o fato de que tanto lá quanto aqui as vidas negras importam muito pouco e a expectativa de vida é muito baixa. Laurentino Gomes (2021), em sua tocante pesquisa *Escravidão* (volume II), fala da pequena expectativa de vida de um escravizado, no século XVII, em Minas Gerais, que não ia além dos 12 anos, uma vez que as condições de higiene oferecidas pelos senhores era nenhuma e a alimentação era precária, o consumo de alimentos estragados era constante. Diz ele:

A alimentação era precária em geral composta por duas refeições por dia na forma de um angu feito com feijão, farinha de mandioca, charque e sal. Surtos de disenteria eram frequentes devido à falta de higiene e ao consumo de alimentos estragados (GOMES, 2012, p. 297).

Além disso, continua Gomes (2021), no garimpo, passavam em média, 12 horas por dia com o corpo encharcado e mergulhado até a cintura nos riachos de água gelada (GOMES, 2021). Não por acaso, a realidade das prisões também se afina com essa narrativa. Lourenço

Filho (2018) relata que as condições da comida nos presídios são as mais terríveis. Segundo o autor, há uma série de procedimentos realizados, pelos internos, para tornar a quentinha palatável. Na linguagem dos internos, o cardápio é renomeado “tem carne monstro, frango atropelado, vacilação (salsicha ou linguiça) e por aí vai” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 121). Ainda falando sobre a comida, ele afirma que “a quentinha chegou, contudo, o cheiro desagradável o faz renunciá-la antes mesmo dela bater na pedra. Um odor horrível e repugnante” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 121). E continua “comida na cadeia tem dessas coisas, às vezes, só o cheiro é um diagnóstico para expulsar aquele mal da cela, e lançar a brilhosa¹⁰ no lixo. No ambiente que as aparências enganam o cheiro revela a certeza necessária: é um nojo!” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 121).

Para quem nunca entrou num presídio e tece sobre ela comentários levianos, romantizados, Lourenço Filho (2028) avisa que “[...] o odor é insuportável, cheiro de carniça. [...]. Os percevejos ajudam na superlotação da cela, são covardes, nos mordem pela noite. A pele de seda vai ganhando altos relevos. São furúnculos!” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 28). O autor segue descrevendo as condições sub-humanas das prisões dizendo que tatuagens surgem, sem o auxílio de tinta ou agulhas e as coceiras marcam o corpo (LOURENÇO FILHO, 2018). É igualmente impactante a descrição que Gomes (2019) faz sobre os barracões imundos onde africanos escravizados esperavam pelo embarque para o Brasil, escuros e sem ventilação, com janelas situadas a três metros do chão de terra batida, por onde passava uma pequena quantidade de luz do sol. O espaço era apenas de dois metros quadrados por pessoa e em média abrigava entre 150 e 200 pessoas, que ficavam acorrentadas, misturadas com porcos, cabritos e outros animais domésticos (GOMES,

¹⁰ Nome que os internos dão à quentinha de alumínio.

2019). Quanto à higiene, Gomes (2019) relata: “na falta de sanitários as necessidades fisiológicas eram feitas dentro do próprio barracão, fedia a fezes e urina a tal ponto que uma pessoa que ali entrava sentiria logo ânsias de vômito ou poderia até desmaiar” (GOMES, 2019, p. 280).

Uma questão que permeia as crônicas de Lourenço Filho (2018) é a da falta de informação, a incerteza funciona como uma tortura silenciosa. O preso nunca sabe o que vai acontecer, da transferência, ao recebimento de notícias, da movimentação do processo ao recebimento de visitas.

Sobre o aspecto das celas, o autor nos leva, através da leitura, ao local mesmo da cela e proporciona aos leitores uma experiência incômoda, quase sensorial, quando descreve o local. De acordo com o seu relato, o odor era dos mais fétidos e agressivo ao olfato humano, os banheiros não possuíam água para a devida limpeza e escoamento do esgoto. Diz ele: “no lixo e próximo da grade, estavam dezenas de comidas estragadas. Na cela, haviam corpos suados, que transpirando revelavam o quanto o ser humano é podre. Não tem jeito, cheiro de cadeia entranha. Que praga!” (LOURENÇO FILHO, 2015, p. 91).

Em uma de suas crônicas, Lourenço Filho (2018) conta sobre frequentar casas de amigos que vai fazendo ao longo de suas atividades extramuros, são amigos, professores, e até mesmo uma juíza. É nítido o quanto os aplicadores das penas precisam aprender de “(re)socialização”,¹¹ se é que essa palavra faz algum sentido.

Quanto à questão das visitas aos presos, o autor deixa claro para seu leitor que existe

uma onda de solidariedade entre os internos, que recebem visitas em relação aos que não recebem. Sobre as visitas, o autor declara:

no dia da visita, fica nítido que o sistema prisional agrava ainda mais a miséria. Uns nem visita conseguem ter. [...] os familiares não possuem dinheiro e documentação necessária para poder acompanhar seu ente na prisão. E há quem chame isso de justiça. E a cadeia consistia em uma algema de solidariedade. (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 24).

O autor desmitifica também a versão de que os familiares abandonam seus entes presos, por desprezo e moralismo, dizendo: “[...] tal ausência familiar não tem nada a ver com o crime, com esse discurso moral, que abafa o amor por meio do ódio. [...] A questão é a pobreza mesmo” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 24). E segue dizendo que esses familiares são tão pobres, que não possuem uma estrutura econômica que ofereça o mínimo de suporte para se credenciarem e, muito menos, para sair de casa e visitá-los. E, assim, os que recebem visitas se unem e dividem o que receberam com os que passaram o dia sozinhos. Ele segue dizendo que após as visitas, passavam por uma revista, onde todos ficavam nus e em seguida, entravam na cela, oravam em gratidão pelas suas famílias, pelo sustento e por poderem ajudar alguns dos que não receberam visitas. E, no início da noite, “nós preparávamos as comidas que os familiares trouxeram, dividíamos tudo e era essencial partilhar com alguns que não tiveram visita naquele dia, ou não eram visitados dia nenhum” (LOURENÇO FILHO, 2013, p. 24).

Aqui fora, as pessoas corroboram a ideia de que as prisões são necessárias e que em seus muros abrigam o que há de pior na sociedade; um destino reservado aos “malfeitores”. Davis (2020) afirma que a sociedade prefere achar as prisões necessárias e naturais por medo de enfrentar a realidade que se esconde em seus muros. Ela declara que: “seria angustiante de-

11 Existe um grande desrespeito ao princípio da dignidade humana, dado que o propósito da ressocialização seria dar absoluta condição ao condenado de voltar ao meio social, sem qualquer tipo de discriminação, onde ele possa voltar à sua comunidade, erguer a cabeça e trabalhar como um cidadão. Mas não é isso que acontece (PESSOA, 2015).

mais lidar com a possibilidade de qualquer pessoa, incluindo nós mesmos, poder se tornar um detento, tendemos a pensar na prisão como algo desconectado de nossa vida” (DAVIS, 2020, p. 16).

Violento e transgressor no tratamento da pessoa privada de liberdade, o Estado também não faz a menor questão de tratar bem os familiares da pessoa presa. A obra de Lourenço Filho traz inúmeros relatos sobre as grosserias pelas quais passam mães esposas e filhos, no dia da visita, a saber: “são milhares de mulheres, que enquanto esposas ou mães de custodiados, estão ali pagando uma penitência singular, que é a visitação prisional” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 83). E continua: “estão aquelas mulheres, ali, criminalizadas, estigmatizadas, cansadas, mas de certo modo, aliviadas por até ali terem conseguido chegar” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 84). E termina esse relato das visitas dizendo:

Entre o rodado da saia comprida ou envolta ao jeans básico, estão as pernas que já percorreram muito quilômetros e que agora resistem à imensa fila inicial de visitação, ainda do lado de fora. Pernas que são tão fortes quanto as barras de ferro que gradeiam as prisões. Que estrutura! (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 82).

Um dos relatos tocantes do livro *Além das grades* é o que conta a experiência do escritor no carro do SOE,¹² diz ele: “ali é um veículo de tortura móvel. [...] dezenas de pessoas são torturadas sendo chacoalhadas, espremidas e amassadas umas sobre as outras, inalando um forte cheiro de diesel e sob uma temperatura que faz o inferno ser inverno ao comparar” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 110). Sobre sua experiência ao ser transportado, o autor diz que: “[...] os desmaios e vômitos eram frequentes. [...] eu vomitava e desmaiava, acordava e desmaiava novamente. Um pânico sem fim. Um in-

ferno!” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 110). Ainda sobre a experiência no carro do SOE, o autor relata que: “[...] uma das experiências mais horríveis da minha vida. Eu vejo cela de prisão e não fico tão traumatizado, pois, na cela, eu sorria em alguns momentos, brincava com algum outro penitente. Já no carro do SOE não dá. É agonia, é calor, é desespero” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 109).

Ao Estado também não interessa que o interno estude, principalmente se for Educação Superior. Uma das crônicas mais tocantes do livro de Lourenço Filho é a que relata seu esforço para se preparar para o exame de vestibular, seguido de sua frustração imensa por, apesar de aprovado para o curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), de ter direito constitucional de acesso à universidade, o Estado não permitiu que cursasse. Ao narrar sua dedicação ele conta: “estudei por noites a fio, uma luz fraca, presa no bocal feito de lata de coca cola e energizada por meio de fios feitos com quentinhas amassadas. Sob o calor infernal e um silêncio que as vezes era interrompido por um gemido de dor ou soluço de alguém que chorava pelas madrugadas” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 130). E toda a sua dedicação resultou em aprovação para a Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Pedagogia da UERJ, e aprovado também para o Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), mas não obteve autorização para estudar. A respeito desse período, o autor revela:

O que eu queria, naquele dia, era que alguém me escutasse e me tirasse da prisão. Não que eu deixasse de cumprir a pena, mas que ao menos me permitisse sair para estudar. Minha luta não era por fuga, ou pela evasão das responsabilidades penais, era simplesmente para ver cumprida uma questão legal em torno da garantia de acesso ao ensino e ter a oportunidade de sair para cursar a faculdade. (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 129).

¹² Carro do Serviço de Operações Especiais (SOE), que faz o transporte dos internos enquanto estão sob a tutela do Estado.

E segue dizendo: “[...] continuei estudando. Virei objeto de legitimação de atrocidades na prisão. Enquanto o pau cantava, o abastecimento de água era péssimo, a superlotação um caos, nossa vivência insalubre. [...] No final da cadeia tinha um preso que passou num monte de vestibulares” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 131). O escritor segue relatando sua saga frustrada, até que no ano seguinte passa novamente para o curso de Pedagogia da UERJ e, finalmente, ainda com muita mágoa por tudo o que passou no ano anterior, consegue a autorização para cursar a faculdade. Nesse momento das narrativas do escritor, não há como desconhecer o papel do Estado em impedir que os direitos sejam garantidos, em criar condições para que o interno se revolte contra o sistema, recaia, reincida. A esse respeito, Maturana e Verden-Zoller (2004) sentenciam “[...] não há dúvida que também podemos aprender a indiferença, a desconfiança ou o ódio, mas quando isso acontece cessa a vida social [...] acaba-se o humano” (MATURANA e VERDEN-ZOLLER: 2004, p. 133).

Pensando nos desdobramentos que a progressão da pena provoca ao interno do sistema prisional, ida para o semiaberto e mais tarde o regime aberto, não há como conhecer a experiência de Lourenço Filho sem olhar para o período em que ficou com monitoramento eletrônico. Quando se pensa em tornozeleira eletrônica, corre-se o risco de romantizar a condição da prisão domiciliar; só quem vive essa experiência como Lourenço Filho (2018) viveu pode definir os sentimentos que seu uso suscita. Em grande parte das vezes o apenado utiliza algum recurso ortopédico para cobrir o aparelho. A esse respeito, em uma de suas crônicas, o escritor relata a sua experiência com o artefato, numa manhã de sábado, ao lavar o carro do seu pai:

Estava sol, não quis cobrir o aparelho com alguma proteção ortopédica que habitualmente

utilizávamos para esconder o equipamento, então eu estava ali, exposto e extremamente vulnerável. Foi quando o vizinho ao sair para passear com o seu cachorro, viu mais que um filho lavando o carro do pai, ele viu um criminoso monitorado. (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 33).

O estigma persegue o sujeito que está ou esteve privado de liberdade, associado a uma identidade fragmentada e desprestigiada, por sua passagem pela prisão, através daqueles com os quais necessitam conviver na realização das atividades cotidianas. Poder-se-ia, mesmo, falar em estigma, tomando emprestada a categoria de Goffman (1988). Segundo esse autor, a categoria estigma pode ser utilizada como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem se pensar em seu significado original. Na opinião desse pesquisador, acredita-se que as pessoas que, porventura, possuem algum estigma não sejam completamente humanas, e a partir daí fazem-se vários tipos de discriminação, o que leva, invariavelmente, a reduzir suas possibilidades e perspectivas na vida. No caso de Lourenço Filho, a condição de criminoso/apenado tomou a frente do filho cuidadoso com o pai. Goffman (1988) afirma que:

[...] construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças (GOFFMAN, 1988, p. 15).

Não há como fechar essa seção do artigo sem lembrar de Maturana, quando, citado por Pellanda (2020), falando como biólogo, enfatiza o aspecto emocional como um fenômeno biológico do ser humano. Segundo o autor, negar essa emoção básica seria negar a condição de seres amorosos, que surgiram com o compartilhar alimentos e cuidados; essa emoção funda o social (PELLANDA, 2020, p. 84).

Subvertendo em amor, alegria e esperança.

O poder requer corpos tristes. O poder necessita da tristeza porque consegue dominá-la. A alegria, portanto, é resistência, porque ela não se rende. A alegria como potência de vida nos leva a lugares onde a tristeza nunca nos levaria. (DELEUZE,

Em certo momento da pesquisa, foi observado, através de suas crônicas tecidas na escrevivência, que o escritor Samuel Lourenço Filho insurgiu a lógica de subjugamento do sistema penal e transpôs diversas barreiras. Em determinados capítulos de *Além das grades* (2018), o autor aponta as pressões do Estado contra as pessoas que cumprem pena, bem como as formas que ele encontrou para sobreviver. Essa violência estatal aparece na vida das pessoas privadas de liberdade por meio da dor, do medo e da fome, mas pode ser vencida por meio do amor, da alegria e da esperança.

Além de todas as outras opressões estruturais mencionadas e vividas pelas pessoas encarceradas desde a infância – antes mesmo de estarem encarceradas –, o sexismo, uma outra forma de violência e dominação, provoca resultados devastadores tanto para homens quanto para mulheres. Não se pode afirmar que ambos os gêneros são afetados de um mesmo modo, mas todos são prejudicados em algum nível. Em relação aos homens, os danos são vistos na forma como se conectam com eles mesmos e com a comunidade, o que pode ser visto frequentemente em unidades prisionais, como relatado por Samuel Lourenço Filho em *Além das grades*.

Uma sociedade sexista marca negativamente meninos e homens da pior forma: ensinando-os a negarem os próprios sentimentos. Como afirma hooks (2021, p. 80):

A partir do momento em que meninos pequenos são ensinados que não devem chorar nem

expressar mágoa, solidão ou dor, que devem ser duros, eles aprendem a mascarar seus sentimentos verdadeiros. Na pior das hipóteses, aprendem a nunca sentir nada.

Em diversos livros sobre o cárcere, o tempo que os homens passam intramuros se apresenta como uma oportunidade de conexão interna, conexão essa que não existiu durante toda a vida. Obviamente, faz-se necessário fugir da romantização da barbárie que se apresenta nas instituições prisionais, mas pode acontecer, sim, finalmente, o autorreconhecimento negado para esses homens por muito tempo. Sob essa perspectiva, Lourenço Filho (2018) apresenta alguns momentos em que ele e outros companheiros conseguiram ter consciência de si mesmos. Na crônica “Lágrima dos condenados”, o escritor apresenta um outro lado da cadeia e dos homens, enquanto cita inúmeras situações em que chorou ou viu amigos chorando. Ele conclui dizendo que as lágrimas, “muito mais do que pela prisão, trata-se da descoberta de si como ser humano. É o arrependimento, é a raiva! Lágrimas do desejo de vingança! Choramos por descobrir que somos frágeis e impotentes diante de certas tretas” (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 137).

Esse reconhecimento envolvendo as próprias personalidades, objetivos, sonhos e outras questões subjetivas, não deve ser creditado a ninguém além dos encarcerados, pois são eles os agentes das mudanças, tendo em vista que o Estado não se propõe a trabalhar esses aspectos. Desse modo, diversos teóricos, incluindo Angela Davis, em *Estarão as prisões obsoletas?*, apontam a ressocialização como um mito, porque o sistema prisional não pretende ser nada além de punitivista. Apesar de os estudos de Davis (2003) se direcionarem para o contexto de um outro país, semelhantemente, no Brasil, não existe um esforço para (re)inserir na sociedade quem nunca foi inserido de fato.

Em seus relatos, tanto orais quanto escritos, Samuel Lourenço Filho frequentemente endossa o fato de que a sua história não foi uma história de sucesso para o sistema penal: foi uma história de fracasso, pois ele se tornou o que a todo momento a sociedade lutou para que ele não conseguisse se tornar. A função do sistema penal é simplesmente punir e ele se mostra um reflexo da sociedade sendo exatamente o que ela espera. O Brasil colonizado nunca deixou de ser o Brasil colonizado. Uma intensa ideologia de punição sempre esteve presente, e acabou ganhando ainda mais força depois da última eleição, ocorrida em 2018. Para Borges (2020), no livro *Prisões: espelhos de nós*:

O sistema colonial era baseado no sadismo como política, na dominação e na brutalidade. Mas nada disso ficou no passado. As ferramentas se sofisticaram e a máscara passou a ser a prisão, como espaço de punição direcionada a grupos sociorraciais. O silêncio passou a se instaurar, seja pelos mecanismos que impedem as pessoas de conhecer as dinâmicas do espaço prisional, seja invisibilidade e criminalização vivenciadas e impostas aos familiares. (BORGES, 2020, p. 12).

No trecho citado, a escritora comenta a atualização das formas de silenciamento. Se antes, durante a colonização, o silenciamento era físico e imposto por meio de máscaras de flandres, agora ele acontece através de outras dinâmicas, o que inclui o não reconhecimento da própria situação. Um dos motivos para que tal problema se perpetue se encontra na negação do conhecimento para os indivíduos. As pessoas não sabem o que acontece com elas emocional e socialmente.

O educador Paulo Freire, em uma outra obra intitulada *Educação como prática de liberdade*, discorre sobre o contexto sociopolítico no qual a experiência em Angicos ocorreu. Tratava-se de um plano de alfabetização para adultos e, embora esse não seja o tema do presente ar-

tigo, e também muito tempo tenha se passado, no Brasil, ainda existe uma democracia sob constante ameaça onde o sectarismo impõe o medo e impede a educação e o crescimento da população. Diz ele:

Mas, infelizmente, o que se sente, dia a dia, com mais força aqui, menos ali, em qualquer dos mundos em que o mundo se divide, é o homem simples esmagado, diminuído e acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele. Mitos que, voltando-se contra ele, o destroem e o aniquilam. É o homem tragicamente assustado, temendo a convivência autêntica e até duvidando da sua possibilidade. (FREIRE, 2021, p. 62).

O pedagogo aponta algumas etapas que foram e deveriam ser seguidas até que a experiência pudesse ser iniciada, o que foi possível apenas após uma tomada de consciência por parte das pessoas que seriam diretamente envolvidas no projeto. Torna-se importante destacar que a educação proposta por Paulo Freire era intrínseca à reflexão. Sob esse mesmo ponto, em um dos relatos presentes no livro de Samuel Lourenço Filho, o escritor menciona a educação como principal fator para que a sua vida extramuros fosse diferente da vida constantemente imposta para ele.

Portanto, seria essa, continuaria sendo essa, a educação que o sistema tenta derrubar: uma educação radical que possibilita o sujeito se entender como parte da sociedade e como agente de mudança para a sua própria vida. A radicalização aparece na obra de Paulo Freire como uma das etapas estabelecidas para o alcance da liberdade por meio da educação. Sobre dialogar e respeitar, Freire (2021) acrescenta:

A radicalização que implica o enraizamento que o homem faz na opção que fez, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção não nega o direito ao ou-

tro de optar. Não pretender impor a sua ação. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmaga seu oponente. Tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que pretendem lhe impor silêncio. (FREIRE, 2021, p. 69).

Essa educação positiva e crítica se torna possível apenas se houver amor e humildade. Tais termos, se estiverem presentes em trabalhos acadêmicos ou em documentos relacionados a políticas públicas, podem causar certo estranhamento, isso porque não há em nossa sociedade o costume de falar sobre conceitos tão abstratos e nem um esforço para desvencilhá-los do contexto puramente emocional. Muito além disso: não há o entendimento de que práticas movidas por esses fatores poderiam impactar positivamente o país. De acordo com hooks (2021, p. 33), “todos os grandes movimentos por justiça social de nossa sociedade têm enfatizado fortemente uma ética do amor”.

Inegavelmente, o amor pode mudar tudo. É preciso afastar-se da compreensão romântica da palavra: o amor deve ser racional. Para Morgan Scott Peck (2021), o amor é a “vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa”, (PECK, 2008, p. 87), por isso o referido sentimento está no centro das mudanças. hooks (2021) mostra em seus escritos a sua predileção pela definição citada e a importância de haver uma definição concreta da palavra “amor”. Somente assim as implicações dele na educação e na sociedade serão vistas e as pessoas começarão a questionar o motivo de reflexões a respeito do tema serem apagadas e negadas. Por que não se fala sobre o amor?

A sociedade denuncia a violência que assola as cidades, mas não cogita que ela seja um reflexo da falta de políticas públicas construídas por meio de uma ética amorosa. Em *Tudo*

sobre o amor, hooks (2021, p. 134) afirma que: “se todas as políticas públicas fossem criadas no espírito do amor, não teríamos que nos preocupar com o desemprego, as pessoas em situação de rua, o fracasso das escolas em ensinar às crianças ou os vícios”. Os problemas sociais poderiam ser solucionados se os governantes e a sociedade como um todo refletissem acerca das práticas amorosas, mas as pessoas que estão no topo da pirâmide social não querem isso, principalmente porque sabem quais consequências o exercício da ética amorosa traria para elas.

Os cidadãos não são ensinados a amar porque os mais poderosos não querem o amor. Ao invés de conduzirem as pessoas ao amor, conduzem à docilidade; tudo o que querem são corpos dóceis, pois o amor é revolucionário. Freire (2021) escreveu que a “a educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem” (FREIRE, 2021, p. 127). Através dessa perspectiva, é possível compreender por qual motivo existem os que impedem o amor de ser conhecido e a educação ser promovida. O amor faz as pessoas se mobilizarem para acabar com as opressões e adentrarem espaços que colocam privilégios em perigo.

De igual modo, os brasileiros são induzidos a pensar que possuem uma natureza amorosa quando na verdade são de natureza dócil. Tal fenômeno, também apontado pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, por meio da abordagem do mito do homem cordial, pode ser notado quando se observa a natureza política do país. Diariamente, são mostradas nos jornais notícias de problemas sociais que afetam o Brasil enquanto quase todos os cidadãos assistem passivamente à calamidade. São enormes quantias de dinheiro sendo desviadas ao passo que famílias se movem para baixo da linha da pobreza. Em contrapartida, ao presenciar alguma situação de injustiça envolvendo roubo ou furto, a pri-

meira reação dos presentes é promover um linchamento como forma de fazer justiça e demonstrar algum tipo de amor e empatia pelas vítimas.

Semelhantemente, Samuel Lourenço Filho relata a falta de assistência do poder público para com os familiares das vítimas. Se eles não buscarem incessantemente por auxílio, são esquecidos e não recebem nenhum tipo de amparo psicológico e financeiro. Para a sociedade, em geral, basta que quem cometeu o crime seja punido da pior forma possível porque é apenas disso que a família precisa. As formas de punição mudam um pouco e o linchamento, que acontece massivamente nas ruas, acontece dentro das cadeias de forma estrutural pelas mãos do Estado. Na verdade, não importa como: a única forma de lidar com essas situações parece ser a punição severa. Em seus relatos, o escritor desabafa:

Depois do crime, o Poder Punitivo não saiu do meu pé. Mas fica a pergunta: por acaso, a senhora Justiça, ou o senhor Justiça, sabe da vida dos familiares da vítima nos últimos 10 anos? E de que maneira podem ser justos? Afinal, com a sentença não houve justiça, com a prisão muito menos. O que rolou ali, e rola, é vingança! (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 62).

É importante pensar por qual motivo a indignação pública é tão seletiva. Talvez o linchamento ocorra porque a vítima está sendo vista de perto. Talvez as pessoas não se mobilizem contra as injustiças maiores provocadas pelo Estado porque ele é um conceito abstrato e falta conhecimento sobre mecanismos para combatê-lo. Talvez a população se importe em determinado contexto e não em outro porque foi condicionada a agir apenas em situações de ódio e a direcionar tal sentimento a pessoas específicas, como as que fazem parte da grande massa carcerária brasileira.

Nos espaços prisionais, mais do que nunca, as pessoas são desumanizadas e têm seus

direitos quase totalmente negados. Falta espaço, comida, saúde e educação. São criadas condições perfeitas para que a dor anestesia os apenados, impedindo-os de enxergar ou falar sobre as condições às quais estão submetidos; não há forças para reagir porque a crueldade paralisa. São, sim, oferecidos minimamente recursos, mas não são suficientes para que se tenha uma vida digna e uma felicidade que permita pensar. Da mesma forma, diversos moradores de periferias brasileiras são colocados nessa situação desde o nascimento, mas de forma um pouco mais atenuada.

Em “Vulnerabilidade prisional” – outra crônica do livro *Além das grades* –, Samuel Lourenço Filho escreve a respeito das reflexões feitas no cárcere. Como dito anteriormente, talvez esse momento seja um dos poucos que permitam que os homens olhem para dentro de si e se percebam como nunca antes, apesar dos esforços contrários para que isso não ocorra. Mas se torna importante salientar que esse movimento não ocorre com todos que cumprem pena. Isso porque provavelmente a parcela que consegue algum tipo de reflexão é pequena e a parcela que consegue se movimentar a partir disso é menor ainda.

Como a dor é no campo da subjetividade, ataca o cara na surdina, as pessoas acham que o espancamento das sensações é pouco... ou nada. Verdade é, que ali na cela, estás como numa rua escura, sozinho, sujo, lançado no chão e experimentando a impotência, a fragilidade e as dores humanas. (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 146).

Nesse trecho, é possível perceber como o primeiro contato consigo costuma ser traumático. São lugares sendo acessados como nunca antes e sem nenhum tipo de suporte psicológico profissional. Em uma sociedade punitivista, até mesmo a dor de reconhecer as próprias características e emoções é válida para fins de punição. A crônica “Tempestade de perseve-

rança” mostra o descaso sentido nas emoções e as saídas encontradas para enfrentá-lo, e Lourenço Filho (2018) explica:

Uma das coisas que os presos esculam os agentes públicos é a maneira como se relacionam com os crimes. Enquanto preso, foram inúmeras as vezes em que debati sobre meu crime, sobre minha infância e eventual relação com o feito, debati sobre minha condição emocional e profissional na ocasião do ocorrido, debati sobre sonhos e expectativas... E todos esses debates aconteceram com outros presos, na cela, na quadra de esporte, no campo de futebol [...] (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 191).

Entretanto, apesar de todos os percalços, há um tipo peculiar de alegria que nasce no cárcere. Seja na solidariedade de quem recebe um colega de cela ferido ou no sabor de um pudim compartilhado. Ao tomar ciência do universo existente no interior das unidades prisionais com um olhar sensível, as pessoas se deparam com duas faces da subjetividade: uma sobre dores que jamais conhecerão e outra sobre alegrias que jamais conhecerão. A distância entre a sociedade e as unidades prisionais faz com que as pessoas não saibam a respeito das dores das outras e nem das alegrias, por isso, é necessário inteirar-se e aproveitar as chances dadas por quem, assim como Lourenço Filho, decidiu compartilhar do que viu, ouviu, sentiu e viveu.

Ao falar sobre alguns momentos, o escritor explicita como um ajuste de perspectiva se tornou e se torna necessário para que a vida continuasse e continue durante e depois do cárcere. Quando em situação de privação de liberdade, pessoas com seus direitos cerceados buscam e encontram alegria e força de vida em situações cotidianas. Há, como dito anteriormente, muitos maus-tratos no dia a dia, mas também há uma felicidade que exige alguma sensibilidade para ser sentida. São momentos em que os homens, figuras centrais deste artigo, conseguem experimentar a contemplação

e encontrar um outro tipo de prazer na vida no cárcere.

Levando em consideração os levantamentos feitos pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen) nos últimos anos, sobretudo em 2017, pode-se afirmar que a maioria dos encarcerados são homens negros e pertencentes às classes sociais menos favorecidas. Esses fatores sociorraciais estão intimamente relacionados aos espaços negados a eles durante a vida e à bagagem de percepções construída. São homens que nasceram e cresceram em um sistema econômico que trata a população como números e apenas como força de trabalho. Desse modo, dentro do capitalismo, pouco tempo há para que as pessoas desenvolvam um olhar sensível para o ordinário e encontrem deleite numa refeição ou em um dia ensolarado, por exemplo.

Em uma coluna do jornal *El País*, aqui no Brasil, a jornalista Eliane Brum escreveu um ensaio intitulado “Exaustos-e-correndo-dopados”, no qual retrata, fundamentada no livro *Sociedade do cansaço*, do filósofo Byung-Chu Han, os males de uma vida baseada na produtividade e no tratamento do corpo como uma máquina. Apesar de o ensaio não debater esse aspecto, a partir dele, pode-se concluir que o tédio é crítico e criativo, pois oferece um tempo para a reflexão e a criação. Talvez venha desse lugar o excesso de produtividade imposto aos cidadãos desde cedo. Um sistema que coloca trabalhadores para passar metade do dia trabalhando e a outra metade dentro do transporte público precário não quer o livre exercício da contemplação.

Tardiamente, para alguns, a habilidade de enxergar o belo é conseguida. E a habilidade de criar também. Tudo isso de forma autônoma, principalmente nas unidades prisionais. A literatura de testemunho desenvolvida por pessoas privadas de liberdade compartilha com a sociedade visões muito íntimas e pro-

fundas vindas de pessoas que talvez tenham desenvolvido tudo ali. Isso não quer dizer que o aprisionamento é benéfico para o desenvolvimento humano, mas sim que a contemplação e a criação são meios de as pessoas conseguirem impulso de vida num ambiente tão hostil.

Além da literatura de testemunho, comumente produzida depois do cumprimento de pena, existem também as cartas escritas e os desenhos feitos dentro da prisão, como relata Lourenço Filho (2018) na crônica “Cartas adiantam sim”. Ele escreve:

As cartas ainda são um ótimo meio de comunicação da prisão, e permite um comércio maneiro também. Fortalece laços de confiança para a leitura e escrita de cartas de terceiros. Movimenta a cadeia em meio a tantos sentimentos. Tem gente que se casa por carta! Acerta a visita entre presídios e auxilia na pena de um montão de gente. Na era do WhatsApp, as cartas ainda têm valores especiais [...] a carta dos filhos, a caligrafia trêmula, os rabiscos coloridos transmitem muito amor, muito mesmo! Das vozes que se ouvem nas cartas, o som da esperança nos anima a prosseguir (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 105-107).

Nas cartas, existe uma motivação majoritariamente comunicacional e afetiva, mas há de se considerar que a redação destas contribui para um posterior desenvolvimento de outras atividades artísticas envolvendo a escrita. A partir dessas experiências, muitos internos desenvolvem gosto pelo desenvolvimento de poemas e narrativas ficcionais. A arte e a intelectualidade também surgem como meios de sobrevivência.

Consequentemente, é possível encontrar nas prisões diversos objetos inventados ou adaptados para as atividades cotidianas, como as cordas improvisadas para o transporte de comida e os ferros de passar roupa. Aqui no Brasil, ocorreu e ocorrem exposições que colocam o público em contato com esses objetos da cadeia, inclusive, no documentário *Deus e o*

Diabo em cima da muralha, disponível no YouTube, são mostrados alguns policiais penais que levaram as criações dos detentos para as suas casas após o Carandiru ser implodido. As peças foram colocadas nas residências como decoração, pois, além de representarem parte significativa da vida dos policiais e o encerramento de um ciclo, eram muito coloridas e bonitas, apesar de serem criadas, muitas vezes, por conta da precariedade.

Essa parte criativa da cadeia também se apresenta na obra de Lourenço Filho (2018) quando ele fala acerca das reformas promovidas pelos internos na cadeia como forma de melhorar o espaço em que viviam. Segundo os relatos do escritor, por meio da economia coletiva, os materiais são comprados e as mudanças começam, motivadas principalmente pelo bem-estar das eventuais visitas e do conforto de quem vive ali diariamente. Mais uma vez, as pessoas privadas de liberdade encontram um modo de fazer o que o Estado não faz. A respeito disso, o autor escreve:

A lona preta é substituída por uma cortina florida ou de cores. A parede cinza ou branca amarelada, toma cor. Fica mais clara, as lâmpadas dão um ‘up’ na cela. [...] A grade, já enferrujada, vai ganhando um tom de amarelo. O chão ganha uma tinta de estacionamento. Fica maneiro. Não tem jeito, estamos presos, enterrados vivos, mas no âmago do ser, uma chama de esperança revela que a vida não terminou, e que a gente vai dar a volta por cima, e até que aconteça: vamos pintando, reformando aquilo que é a imagem e a estrutura da dor e da anulação (LOURENÇO FILHO, 2018, p. 150).

Assim, com mais cores, os apenados tentam ter as esperanças de que as microviolências costumam tirar. São protocolos que fazem com que sejam vestidos com uniformes de cores padronizadas, tenham os cabelos raspados e não sejam mais chamados pelo nome, que desumanizam as pessoas encarceradas. Não há aparente motivo que justifique apenas a

permissão para as celas serem modificadas, mas evidentemente tal feito traz conforto e esperança para quem mora nelas.

Em *Pedagogia da esperança*, Freire (1992) desenvolve uma reflexão envolvendo a esperança. Segundo o pedagogo:

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, é frívola ilusão (FREIRE, 1992, p. 5).

Na concepção de Freire (1992), a esperança não deveria ser simplesmente um sentimento bonito, mas algo que movimentasse as pessoas em prol de si mesmas e das outras. Assim como o amor e os outros sentimentos e emoções citados aqui, para que se consiga promover uma mudança significativa no modo de pensar a sociedade, a esperança deve ser racionalizada e convertida em ações que resultem em outras alternativas opostas ao sistema prisional e ao punitivismo.

Considerações finais

A leitura de *Além das grades*, de Samuel Lourenço Filho, deixa em seus leitores, inicialmente, um gosto amargo na boca, uma sensação de impotência frente a tantos desmandos, descumprimento de leis, abusos, violação de direitos, por parte do Estado. À medida em que a leitura vai evoluindo, o leitor começa a se dar conta do quanto de resistência, humanidade, solidariedade, amorosidade, entre os internos, o texto desvela. Existe uma rede de apoio, de proteção, de torcida pelo outro, que vai se revelando e se imponto à barbárie do cárcere, promovida pelo Estado. Apesar disso, que ninguém pense que ler essa obra implica que o leitor naturalize a violência e a negação

dos direitos que imperam nos presídios brasileiros, por conta do poder de superação que esses relatos possam levar a crer.

Não! Não é isso! Do início ao fim o leitor é tomado por uma indignação legítima, que não passa; que é crescente, que não pode ser naturalizada; que repudia o encarceramento. O que se está constatando aqui é a capacidade de sobrevivência, a existência de uma amorosidade que sustenta a sobrevivência, por si e pelo outro; que emerge de um dia a dia desumano. É a literatura, como sempre ensinou Candido (2004), correspondendo a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. E não há como não lembrar de Yolanda Reyes (2012), em seu instigante livro *Ler e brincar, tecer e cantar*, quando afirma que a literatura é essa ferramenta, que não se faz com boas intenções, não tem compromisso com modismos, não é para dar lições de vida; literatura é linguagem. E assim, afirma Reyes (2012, p. 9) “na leitura da literatura o leitor passa a viver um mundo que só existe na linguagem, mas que deve se sustentar como se sustenta o mundo real; construir como se constrói uma ponte entre duas margens, e ter esse misto de paciência e irresponsabilidade” (REYES, 2012, p. 9).

Tomando contato com as crônicas de Samuel Lourenço Filho, o leitor é informado que, para a maioria dos jovens presos, há uma família que apoia, uma escola ou universidade que acolhe, um emprego, que por mais que seja desvalorizado, coloca o apenado frente a frente com o trabalho enquanto bem cultural do ser humano, como se vê em Lara (2003). Essa rede de atores sociais, em torno do interno, escola, família, trabalho, vivenciada extramuros, devolve aos poucos, ao apenado, a humanidade, que o cárcere lhe subtrai.

A leitura de *Além das grades* convoca o leitor a compreender de outra forma a realidade das prisões, olhar para os sujeitos privados de liberdade de um lugar humanizado, plural, interseccional. Há que se pensar o fim dos presídios, ou seja, a adoção de teses abolicionistas¹³ como forma de construir outra realidade em torno da questão penal. É Mathiesen (1989), um dos teóricos do abolicionismo penal que traz a seguinte reflexão sobre essa forma de pensar a sociedade sem prisões: “a longo prazo, mudar o pensamento geral a respeito do castigo e substituir o sistema penitenciário por medidas mais modernas e adequadas” (MATHIESEN, 1989, p. 46). Segundo esse teórico, “a curto prazo, derrubar todos os muros que não sejam necessários: humanizar as diferentes formas de detenção e aliviar o sofrimento que a sociedade infringe aos detentos” (MATHIESEN, 1989, p. 46).

A partir da escrita de Samuel Lourenço Filho, revelou-se a necessidade da produção de pesquisas educacionais e literárias voltadas para a literatura – de testemunho ou não – produzida por pessoas que vivenciaram o cárcere. Atualmente, ao fazer um simples levantamento, pode-se perceber que são poucos os autores conhecidos e os estudos voltados para a literatura de cárcere. Um importante ponto a se destacar reside no fato de que não necessariamente as pessoas que cumpriram pena precisam escrever sobre isso, mas se o fizerem, também estarão contribuindo de forma importante para o mundo. Entretanto, embora haja os que escolhem compartilhar os relatos de sobrevivência, existe uma forte tendência ao

apagamento social dessas pessoas e de seus trabalhos, que precisa ser combatida em todos os espaços, inclusive no campo das pesquisas acadêmicas.

Poucos nomes como os de Josemir Jones Fernando Prato, Luiz Alberto Mendes Junior e Graciliano Ramos são conhecidos e lembrados quando se fala acerca de livros e prisões. Josemir, também conhecido como Jocenir, ao contrário dos outros dois autores citados e apesar de ter participado de uma das canções mais famosas do Racionais MCs, “Diário de um detento”, atualmente, é pouco conhecido, sobretudo por pessoas que não estão inseridas no universo abordado por ele. Assim como nesse caso, existem muitas outras pessoas – ou deveria existir – que escreveram relatos interessantíssimos e precisam ser mais conhecidas pela sociedade. Portanto, foi nesse solo que nasceu o presente artigo sobre os escritos acerca da obra e trajetória de Samuel Lourenço Filho, que compartilha suas vivências com o mundo por meio de crônicas e poemas. Sendo assim, são homens e mulheres como ele que precisam ter suas vozes ouvidas e suas vidas valorizadas.

Enquanto pessoas que não vivenciaram o cárcere, é preciso ter consciência do lugar ocupado ao escrever sobre ele e sobre as pessoas que o vivenciaram. Ajudar a construir um aporte teórico sobre o tema não deve significar “dar voz” a quem está intimamente ligado a ele, pois essas pessoas já têm suas vozes e não precisam da validação de outrem para que possam falar; deve significar, portanto, humildemente se unir aos que movem suas vidas como forma de resistência e denunciam a barbárie existente nas prisões.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Pesquisa (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Ale-

13 O abolicionismo penal é considerado como um estilo de vida livre que contesta a ontologia do crime e o universalismo das leis e dos castigos. Possui várias linhas de pensamento, entre elas a materialista de viés marxista do norueguês Thomas Mathiesen que aponta o Direito Penal como instrumento de dominação da classe governante contra os pobres e oprimidos, funcionando como elemento de legitimação da opressão do Estado. (SANTOS, 2016, p. 96).

gre: EDIPUCRS, 2004.

BEZERRA, Aída. Divagações Sobre a Paixão de Ler e Escrever. **Cadernos Bam**. SAPÉ/ DPH/ FNDE/ SEF/ MEC. 1999.

BECKER, Haward Saul. **Outsiders**: estudos da Sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BORGES, Juliana. **Prisões: espelhos de nós**. São Paulo: Todavia, 2020.

BRUM, Eliane. Exaustos-e-correndo-dopados. **El país**. Brasília, 04 de julho de 2016. Coluna. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html>. Acessado em: 26 fev. 2022.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Candido Antonio. *Vários escritos*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2004, p.169-191.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel. 2003.

DELEUZE Gilles e PARNET Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta. 2002.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34. 2004

DUARTE, constância Lima e NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Itaú Cultural, 2020

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

BRIGHENTE, Miriam; MESQUIDA, Peri. **Michel Foucault: Corpos Dóceis e Disciplinados nas Instituições Escolares**. In: Anais do X Congresso Nacional

de Educação – EDUCERE. Curitiba, Paraná. 2011. (pp. 2390-24034))

GOFFMAN, Irving. **Estigma**: notas sobre a manipulação de Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1988.

GOMES, Laurentino. **Escravidão – Volume II**. Rio de Janeiro: Globo livros, 2021.

HAN, Byung-Chu. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

HOOKS, bell. **Tudo sobre amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes. 2017.

LARA, Xico. **Trabalho, Educação, Cidadania**. Rio de Janeiro: Editora CERIS.2003.

LOURENÇO FILHO, Samuel; CALHÁU, Socorro. In: **A Educação Escolar e a Escola do Crime**: a formação de um sujeito “indesejável” no espaço prisional, Anais do II CONEDU, Campina Grande, Paraíba. Plataforma Espaço Digital Editora Realize. 2015. (pp.1-12).

LOURENÇO FILHO, Samuel. **Além das Grades**. Rio de Janeiro: Editora Nova terapia Grupo Multifoco. 2018.

MACIEL, Carolina Pina Rodrigues. In: *Literatura de Testemunho*. **Caderno Opiniões**, USP, Universidade de São Paulo. São Paulo. nº 09.2016. (p.75)

MATHIESEN, Thomas, **Abolicionismo penal**. Tradução de Marta Bondanza e Mariano Ciafardini. Buenos Aires: Ediar, 1989.

MATURANA, Humberto e VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Editora palas Athena, 2004.

MENDES JUNIOR, Luiz Alberto. **Memórias de um sobrevivente**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

PECK, Morgan Scott. **A trilha menos percorrida**: uma

nova psicologia do amor, dos valores tradicionais e do crescimento espiritual. Rio de Janeiro: Nova Era, 2008.

PELLANDA, Nise Maria Campos. **Maturana e a Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2020.

PESSOA, Hélio Romão Rigaud. **Ressocialização e re-inserção social**. Rio de Janeiro: JusBrasil, 2015.

RESENDE, Selmo Haroldo de. **A vida na prisão: histórias de objetivação e sujeição na educação do condenado**. In: LOURENÇO, Arlindo da Silva e Onofre, ELENICE Maria Cammarosano. **O espaço da prisão e suas práticas educativas**: enfoques e suas práticas educativas. São Carlos: Editora Edufscar, 2011. p 47-73.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar**: literatura, escrita e educação. São Paulo: Editora Pulo do gato, 2012.

RIBEIRO, Nilva Ferreira. **A prisão na Perspectiva de Foucault**. In: LOURENÇO, Arlindo da Silva e Onofre, ELENICE Maria Cammarosano. **O espaço da prisão e suas práticas educativas**: enfoques e suas práticas educativas. São Carlos: Editora Edufscar, 2011. p. 25-39.

SANTOS, Philippe Vieira Torres dos. Análise sobre o abolicionismo penal de Thomas Mathiesen. **Revista Reflexão e Crítica do Direito**, a. IV, v. 4, n. 1, p. 96-115, jan./dez. 2016. ISSN 2358-7008. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/rcd/article/view/580>. Acesso em: 12 fev. 2022.

Recebido em: 20/03/2022

Revisado em: 20/04/2022

Aprovado em: 22/04/2022

Publicado em: 30/04/2022

Socorro Calháu é doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação (PROPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenadora do projeto de pesquisa e extensão “Do Cárcere à Universidade” da UERJ. *E-mail*: socallhau@gmail.com

Angelica Raimundo Nogueira é graduanda em Letras pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Membro do grupo de pesquisa Remição de Pena pela Leitura, da UFRRJ. *E-mail*: angelicarnogueira@hotmail.com